



A EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES: M.<sup>lle</sup> C. A. J. quadro a óleo do ilustre pintor Carlos Reis—(Cliché Benollet)

379 Lisboa, 26 de Maio de 1913

*Illustração*

Diréctor e Proprietário: J. DA SILVA GRAÇA  
Editor: JOSE' JOUBERT CHAVES

# Pegam a este Homem que lhes leia a Vida

**O SEU PODER EXTRAORDINARIO DE LER AS VIDAS HUMANAS, SEJA A QUE DISTANCIA FOR, ASSOMBRA TODOS AQUELES QUE LHE ESCREVEM**

Milhares de pessoas, em todas as sendas da vida, tem tirado bom proveito dos conselhos d'este homem. Diz-lhes

quaes os destinos que as suas capacidades lhes permitta e de que modo poderão atingir o bom exito desejado. Indica-lhes o amigo e os inimigos e descreve os bons e os maus periodos da cada existencia. A descricção que faz do que diz respeito aos acontecimentos passados, presentes e futuro causar-lhes-ha espanto, e servir-lhes-ha d'auxilio. E tudo quanto precisa para o qual ao seu trabalho limpa-se a isto: o nome da pessoa (escrito na propria mão d'ella), data do nascimento e declaracão do sexo. E escusado mandar o nome, o nome do jornal e obter uma Lettura d'Ensaio gratuita. Se a pessoa que isto ler quizer aproveitar este offerecimento especial e obter uma revista da sua vida, não tem mais que enviar o seu nome, o nome do jornal e a data do seu nascimento (dia, mez e ano, isto do bem claramente escrito e explicado), quer seja senhor, senhora ou menina, solteiro, casado e tambem pela sua letra os seguintes:



São milhares os que nos dizem Que daes conselhos sem par: Para atingir a ventura, Quereis-me o cambio em? Lar?

A pessoa que escrever, se essa fór a sua vontade, pôde juntar ao seu pedido a quantia de 150 réis em estampilhas portuguezas (ou 500 réis em estampilhas brasileiras) para despesas de porte e de escritorio. Dirija a sua carta a Clay Burton Vinea, Suite 2008, F. Palays Royal, Paris, Franca. As cartas para a Franca devem ser frankueadas com 50 réis moeda portugueza, (ou 200 réis moeda brasileira).

**Roses d'Orsay**  
Evoca o perfume da Flor  
D'ORSAY 17, Rue de la Paix, PARIS

## AGENCIAS NO BRAZIL

DA

# Nutricia de Lisboa

Esta empresa acaba de ultimar negociações para o estabelecimento de agencias de venda dos seus produtos nas seguintes cidades:

**Agencia do Sul** — Rio de Janeiro, Santos e S. Paulo. Agente Sr. A. NUNES DE SA, Rua dos Ourives, 105, sobrado, Rio de Janeiro.

**Agencia do Norte** — Pará e Manaus. Agente Sr. CAMILLO VELHOTE. Desde já pôdem ser feitos pedidos nas respectivas agencias

## A "PHOSPHATINA FALIÈRES"

é o alimento mais agradável e recommendado para as crianças desde a idade de 7 a 8 mezes principalmente na época do desmamentamento e durante o periodo do desenvolvimento. *Facilita a digestão e assegura a boa formação dos ossos, Impede a diarrrhéa, tão frequente nas crianças.*

PARIS, 6, Rue de la Tacherie, e em todas as PHARMACIAS e BOAS MERCERIAS.

Comprem as Sederias **Schweizer**

Pegam as amostras de nossas novidades de primavera e verão para vestidos e bluzas: Crêpe de Chine, Etienne, Voile, Foulards, Messaline, Mousselin 120 em largo desde Francos 1,25 o metro, em preto, branco e côr, bem como das bluzas e vestidões bordados em atista, lã, tela e seda.

Vendem as nossas sedas de solidez garantida diretamente aos particulares e franco de porto no domicilio

### Schweizer e Ca, Lucerne E 11 (Suissa)

Exportação de sedas — Fornecedores da Corte.

## ULTIMA INVENÇÃO NORTE-AMERICANA

LUZ A GAZOLINA

*Wigard*

UNICA QUE ACENDE COM UM FOSFORO COMO O GAZ E TENHO UM PODER ALUMINANTE DE 500 VELAS, APENAS CONSUME UM LITRO DE GAZOLINA EM 24 HORAS, PEDIR INFORMAÇÕES A PARAZO, PE-REIRA & C.ª — COIMBRA



## O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE E FISIONOMISTA DA EUROPA

## Madame BROUILLARI

Diz o passado e o presente e prevê o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em valencia. Pelo estudo que fez das ciencias chiromancias, cronologia e fisiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrols, Lambruce, d'Arpentigny, mais Madame Brouillari tem percorrido as principais cidades da Europa e America e onde foi admirada pelos numerosos clientes de mais alta categoria, quem predisse a queda do Imperatorio e os acontecimentos que se seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Dadas as consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 41, R. DO

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

## CRONICA

26 - 5 - 1913

N.º 379

PARIS.—As «instituidoras» moveram um processo contra Marcel Prevost por causa do ultimo romance do novo a ademiço francez.

Na sua novela de intenções, *Anges Gardiens*, Prevost afirma que, tornando-se quasi sempre difficil, senão impossivel, de terminar a identidade moral das *instituidoras* estrangeiras que affluem a Paris, — é mais do que condenav. l a facilidade com que as mães francezas entregam a «ssrs» «aves de arriação» aquilo que consti tue o seu tesouro mais precioso: as propri. s filhas. A questiã», pela primeira vez claramente posta, é d'um inesperado interesse, não só para a França, mas para todos os paizes que importa n educadoras da Alemanha, da Inglaterra ou da Suissa». Com effeito, a branca *miss* do Devonshire ou a loira *fräulein* mecklemour-guez, eventuaes *instituidoras* d'amanhã, devem muitas vezes a sua tuga a casa paterna a razões mist. riosas que rigorosamente as collocam, pelo menos perante a moral convencional, em condições de não lhes poder ser entregue a educação e a guarda d'uma creança; mas ha tambem muitas outras, so re tudo ing. lizas e suizas, tipos da *sel. made woman*, produtos escrupulosamente virtuosos dos paizes de formação particular sta, que escolham o *metier* de educadoras com podiam ter escolhido out o qualqu.r, e a que n a excessiva generalis ção de Prevost acaba de atingir gravemente na sua honra e nos seus interesses.



de niza verde e espo-  
ria portugueza mante-  
ve-se, cheia de carac-  
ter e de pirosco,  
quasi sempre ao s.r-  
veço de toureiro a ro-  
jão, uma das mais ce-  
lebres do mundo. O  
esfoço da Sociedade  
hipica será duplam-n-  
te digno de louvor, se, alem ue realizar uma

HII I MO.—Realisou-se na ultima semana concurso hipico internacional.

Não teve apenas importância sob o ponto de vista do aperfeiçoamento das raças cavallares o concurso de Palmavã: revelou equitadores e concorreu para levantar a arte da p. caia, — arte da mais alta tradi- ção em Portugal. Desde os Galvões, sobera din- sia de mestres da gine- ta e da esquadriota do seculo XVII, até o velho marquez de Marialva e ao filho D. Pedro; desde o Antunico Gordo até ao Sedóvem e ao Jose V. rissino, sempre de Guimarães; desde d. de Vinioso, — a pic



de niza verde e espo-  
ria portugueza mante-  
ve-se, cheia de carac-  
ter e de pirosco,  
quasi sempre ao s.r-  
veço de toureiro a ro-  
jão, uma das mais ce-  
lebres do mundo. O  
esfoço da Sociedade  
hipica será duplam-n-  
te digno de louvor, se, alem ue realizar uma

obra util, puder contri- buir, pela resurrei- ção das velhas festas e dos velhos jogos de cavalo, para que se c-nserve uma nobre tradição nacional.



### FLORES.

Nós podiamos ter flores como N.ºe; — mas essas flores não se venderiam por falta de floristas. Lá fóra, a maior fortuna da industria da flor está nas mãos pequeninas que a vendem; aqui, já Filipe II (quando, de visita a Portugal, se vestiu de branco pela primeira vez e illiu de cravos vermelhos as janellas do paço) se queixava das feias mães em que andavam as flores. D'então para cá, dir-se-hia que as mes- mas rosas frescas se imobilisavam, durante seculos, no mesmo feio regaço que as colheu. As floristas garotas sujam as flores; as floristas velhas, envelhecem-n'as. Fez oem a comissãõ d s festas da cidade promovendo o recrutamento de o. n. n. r. s. raparigas para a venda de flores em Lisboa, — a vér se surgem floristas que se não par. cam, positivamente, com aquela velhinha h- spanhola, encovada como um ponto de interrog. ção e feia como um aicha de seda, que sobre dois enormes tacões de duros pequeninas netas vende violetas, de inverno, junto das escad. s do Loreto.



### SPORTS.

Estão-se desenvolvendo largamente os novos sports. Esguim, nautica, equitação, *lawn- tennis*, ciclismo, automobilismo, aviação, mar. çonas, *foot-baa'*, *water-polo*, — constituem a absorvente preocupação de socied. des organisadas e de grupos eventuales; os jo. n. a. e. s. mais importantes aorem largas secções de *sport*, fazem-se e inferencias sobre o «Hercl. s Farnesio», modelo da eurytma atletica; começa a pensar-se a sério na cultura física em Portugal. Tudo isto constitui, evidentemente, um bom sintoma; mas é preciso que os *sports* se exercçam com sobriedade e com intelligencia. para que ao antigo *surmenage* classico não succ. da, na escola moderna, o *surmenage* atletico. Os *sports*, a exemplo do que se está fazendo na Belgica, devem ser medicamente inspecionados, para evitar o spectaculo da ultima maratona, em que rapazes admiuidos, sem torax e sem pernas, admitidos a corridas de *pur sang*, cahiram com syncopes e ficaram estropiados; e policiaalmente fiscalizados tambem, para que o delirio do *foot-baal* e tadinio, que ameaça invair os quatro cantos de Lisboa, não ponha em perigo o honesto nariz do transeunte.

JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo)





# A MOLA D' AÇO

Mateus Augusto — bom filósofo e meu amigo — afigurou-se-me, da última vez que o encontrei, um tanto ou quanto preocupado ou mal disposto, o que muito era de admirar em tão sereno e placido espírito.

— Então que é feito? — interoguei, saudando-o.

— Para aqui a meditar! — retorquiu, grave e vagaroso, estendendo-me a mão.

— E dir-se-ia que na morte, pois que uma vaga sombra te empana o olhar.

— Não. Jámais me lembro da morte: nem mesmo nas raras vezes em que estou doente. A morte só deve interessar aos moribundos.

— Em todo o caso, parece-me que o teu paganismo se mostra hoje um nada menos triunfante.

— Nem menos nem mais do que hontem, amanhã ou nos outros dias. O paganismo não é a gargalhada.

— Mas não é também, segundo creio, o aborrecimento. E vejo-te hoje meio aborrecido.

— Qual história! Estava simplesmente muito absor-to nesse enigma eterno e tremendo do amor.

— Alguma partida feminina, ia apostar!

— Partida feminina? Contorme. Se entendes a partida no seu vulgar sentido de logro, burla ou traição, não é de modo nenhum o meu caso. Se pretendes, porém, designar por essa palavra uma vibração mais inesperada do capricho feminino, então declaro-te que acertaste.

— Uma mulher que te enganou?

— Que disparate! Jámais mulher alguma enganou homem nenhum. Somos nós quem, mais frequentemente do que seria para desejar, se equivoca a seu respeito.

— Contigo não ha meio de evitar os paradoxos.

— Os paradoxos, como as tolices, consistem essencialmente em verdades que não compreendemos bem, ou não estamos, por isto ou por aquilo, dispostos a abraçar. Ao apodares-me de paradoxal, falou o teu egoísmo de ignorante.

— Obrigado pelo qualificativo.

— Ignorante, apenas, no assunto de que se trata.

— E que vaes bondosamente explicar-me.

— Vês! Se careces da minha explicação, é que o ignoras.

— Para os devidos efeitos confesso-me lealmente ignorantíssimo.

— Quem não se mostrará ignorante em face d'essa inquietá espiral misteriosa que batismos de mulher!

Em se referindo á mulher como encarnação do fragil sexo, o preclaro Mateus Augusto tira o mais reverentemente possível o seu chapéu bem escovado.

— Espiral inquietá e misteriosa, não é mal achado.

— Pois acredita, meu literato, que não quiz invadir o teu campo! De resto, é quasi da Biblia. Para fazer o homem, deve Deus ter agarrado n'uma vara de ferro, direita e lisa, que espetou na terra, e em torno da qual plasmou o barro.

— Este miseravel barro libidinoso...

— Esta gloriosa argila, capaz do genio!

— E para a mulher? ...

— Para construir a mulher—reverenciando o sêr feminino, Mateus Augusto tirou de novo o seu chapéu lustroso—Deus deve ter procurado outra vara igual á primeira; mas como, no principio do mundo, só havia, para o trabalho apressado do Creator, uma simples amostra de cada coisa, o Padre Eterno não encontrou nos vastos armazens do Paraizo senão, muito torcido e indomavel, o modelo primitivo de uma flexivel mola d'aço, elastica, comprimivel, mas sempre obediente ao originario feito e expansivamente dilatavel ao menor descuido da mão ou ao minimo alivio de pezo.

— D'essa mola, na tua opinião, nasceu a mulher, como haviam de nascer mais tarde as cadeiras estofadas, não é assim?

— Deixa-te de gracejos facéis de menino de escola, e escuta a revelação da minha ultima hipotese das origens.

— Venha a hipotese!

— Como em volta da haste de ferro, vertical e apurada, Deus dispuzera facilmente os musculos ageis e a rijá carne de Adão, teve de, com muito maior dificuldade, e um pouco ao acaso, enrolar em torno da espiral rebelde em que te falei—a sua alma!—a carne admiravel e os delgados nervos de Eva. Carne e nervos que ficariam, toda a vida, á mercê d'essa insusjeitavel mola interior que, de continuo, lhe comunica á fôrma a curva elasticidade, tão indiscretamente, que a mulher careceu de inventar a roupa, e sobretudo os espartilhos, para nos ocultar um tanto ou quanto o sobresalto permanente do seu corpo, como precisará sempre de se servir da mentira para atenuar um pouco os inesperados solavancos da sua imaginação esfuziante.

— Segue-se d'ahi que ...

— Segue-se d'ahi que, sendo no corpo e na alma a curva caprichosa, a mulher é, fatal e totalmente, mais do que o oposto, a propria negação d'aquilo de que nós não passamos: a réta banalissima. Pelo que diz respeito á logica ...

— Pelo que diz respeito á logica? ...

— ... a réta é o raciocinio. Nós, homens, somos, por conseguinte, uns sêres caracteristicamente racionantes e racionaveis. Conhecidos os anteceden-



tes e o modo de sêr de um nosso semelhante, poderemos, com grandes probabilidades de acertar, descrever a trajetória futura das suas idéas e ações, apenas com o pequeno desvio inevitável de todos os abalos humanos. A ciência de predirer a vida de um homem é precisa, exata, matematica como a astronomia.

—Cuidada que, representando as mulheres as estrelas do nosso céu, lhes pertenceriam, e não a nós, esses astronômicos domínios.

—Enganas-te! Querer sujeitar a mulher ás apertadas exigências do nosso raciocínio é uma tirania estulta. A mania de tudo saber levou o homem, incorrigível ingenuo, a supôr ter descoberto um arremedo de ciência para determinar as variações atmosféricas e os aspetos do tempo. Ora que acontece?

—Acontece que, em os sábios anunciando calma, nos arriscamos a recolher a casa encharcados, e ser prudente sair de sobretudo quando eles predizem calor.

—Pois, no tocante á mulher, as previsões masculinas são ainda mais deficientes do que as da falaz meteorologia quanto ao que os antigos chamavam «o cariz do tempo».

—Andamos ás aranhas nesse capítulo?

—E o que é peor, cegados pelo nosso exacerbado amor proprio, não o reconhecemos. De modo que nos indignamos, desesperamos e sofremos sempre que elas, as mulheres—e é a maioria das vezes—não seguem o rumo que mentalmente lhes traçáramos.

—Nunca se pôde prognosticar se choverá ou fará sol...

—Só por méra coincidência.

—Ainda se, em materia femininja, existissem barômetros!

—Nada, absolutamente nada. Vá lá saber-se quando estão de fogo ou de neve, ou a que pressão se encontra n'um dado momento a espiral.

—E' verdade. A espiral misteriosa e inquietada.

—Nas coisas mais frivolas, estamos sujeitos, estamos quasi condenados ao engano. Todo o homem de bom gosto tem, por exemplo, a obrigação de estar ao facto dos vestidos da sua amante, pois que a indumentaria desempenha hoje em dia no amor um papel preponderante.

—Não tão importante, ainda assim, como a desindumentaria...

—Suponhamos que uma mulher tem, n'uma estação qualquer, dois vestidos.

—Só dois?

—E' pouco?

—Pouquissimo.

—Bem, sejam tres: um vestido preto, outro cinzento, outro castanho.

—Muito bem.

—Ha uma entrevista combinada. O amante viu-a na vespera com o vestido preto. Viu-a no ultimo encontro com o vestido cinzento.

to. Tudo indica, portanto, que, dado o feminil amor da variedade, ella lhe appareça com o vestido castanho.

—Conforme. Pôde tornar a vir com o cinzento, porque ha mulheres que preferem para certas occasiões o mesmo vestido.

—Não divaguemos!

—Não é divagar. Para as entrevistas, as mulheres que sabem do seu officio de amorosas, escolherão o vestido mais difficil, e mais lindo, de despir...

—Talvez tenhas razão, mas volto ao meu caso. Espera-a ancioso o amante, dispondo os olhos...

—Os olhos e os braços...

—Dispondo os olhos para a vêr de castanho. Chega, finalmente, a amada, e o homem vê todos os seus cuidadosos raciocínios cairem por terra, pois que a reemchegada ou enverga um novo vestido saído ha pouco da modista, ou traz inexplicavelmente o trajó negro da vespera.

—Continuo a pronunciar-me pelo cinzento. Já conheci uma mulher que, quer fizesse frio, quer fizesse calor, usava invariavelmente, durante todo o ano, o mesmo vestido para o mesmo peccado.

—Pois eu conheci outra que sempre me apparecia com o vestido do dia anterior—uma coisa, como sabes, para elas enjoativa a valer—e me explicou o caso pela mirabolante razão de, d'esse modo, repararem menos n'ella. Não mudando de trajó, julgava-se invisivel á multidão.

—E que conclues de tudo isso?

—Concluo que nós, os homens, não procedemos bem ao andarmos eternamente a diizer mal das mulheres.

—Coisa em que ellas muito se parecem com o tempo.

—Censuramo-las por não obedecerem aos nossos calculos. Irritamo-nos e enristecemos-nos com a meditação das suas partidas, como tu ha pouco chamaste ás suas fantasias deliciosas.

—Apoiado!

—Ora, em vez de convertermos ridiculamente o amor num tribunal ou esquadra de policia, onde

gastamos o tempo mais precioso a inquirir testemunhas e acusadas, e a levantar imaginários corpos de delito...

—Ha corpos tão admiraveis para certos delitos tão inebriantes...

—... fariamos muito melhor em transformar o amor n'um tranqüilo e sereno observatorio, onde — sem o minimo rancor nem a menor surpresa, apenas com o honesto desejo de virmos um dia a extrair de milhares de observações uma parcela diminuta de verdade, com relação a esse maravilhoso capricho vivo que é a mulher, sempre varia, afinal, e irrepetivel como o crepusculo—nos entregassemos ao prazer de registrar as infinitas modalidades do voluvel feminino. Quem sabe se, por esse processo imprial, não chegaríamos de futuro a apurar uma lei simples e invariavel?

—Quando?

—Agora, logo, d'aqui a bocado.

—Quil! A estas horas está, com certeza, a almoçar muito despreocupadamente. E depois nunca vem para estas bandas.

—Sabes lá!

—Garant'o. Móra n'outro bairro.

—Se assim é, e para esquiçeres o precalço, recomendo-te que repares n'aquela delicioso vestido cinzento que além assoma.

—Onde, onde?

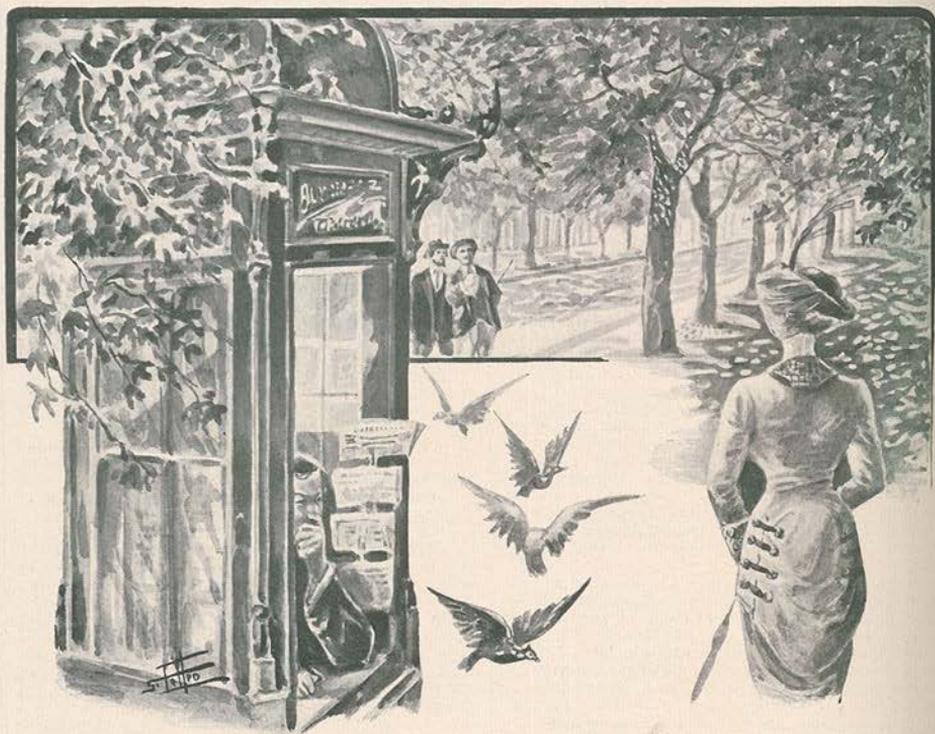
—Ali em baixo.

—Não vejo.

—D. lado de lá.

—Oh! agora.

—Que tal?



—A respeito da mulher?

—A lei da sua caprichosidade.

—Que grande descomrimeto esse seria!

—Não te parece?

—Mas nada d'isso explica o teu caso.

—Oh! o meu caso! E' uma coisa parecida: uma previsão que falhou. Esperei toda a manhã, em determinado ponto, a passagem de uma creaturinha que, apoz prolongadas e solidas congeminções, eu supunha obrigada a passar por ali a uma certa hora.

—E não passou?

—E' extraordinário, mas não passou.

—Foi por outro lado.

—Não tinha outro caminho.

—Então, talvez ainda apareça.

—Olha, se me dás licença, convinha-me estar sózinha. Até logo, ou até amanhã.

—O quê? Por ventura...?

—Precisamente. E' aquela mesma.

—Eu não te dizia?

—Esta nossa meteorologia!

—Felicidades!

E vi Mateus Augusto, já sem a minima sombra de enfado ou de pesar no seu olhar ansioso, dirigirse risinho ao encontro da linda mulher de cinzento, em cujo corpo adelgçado e flexuoso parecia, em verdade, agitar-se inquietamente uma insujeitavel móda d'aço.

MANOEL DE SOUSA PINTO.



# ANDORINHAS :

I

Baralham-se no azul as andorinhas  
Cortando os ares em curvas graciosas;  
Sigo enlevado as voltas caprichosas  
Das tímidas e ágeis avezinhas.

Reverdecem os pampanos das vinhas,  
Abrem-se os lírios, vão florindo as rosas:  
Sempre alegres, voando descuidosas,  
Baralham-se no azul as andorinhas.

Pelas margens dos rios, nas levadas,  
Fico a ve-las em doida correria  
Roçando n'água as azas afiladas.

E toda a minha alma se ex'tasia  
Ao ver que as andorinhas, descuidadas  
Traçam na água o nome de Maria.

II

Prendo-me a ve-las pelo vale umbroso  
Rasgando o espaço em loucas correrias,  
E sonho um mundo inteiro de fantasias  
Das azas no crescente gracioso.

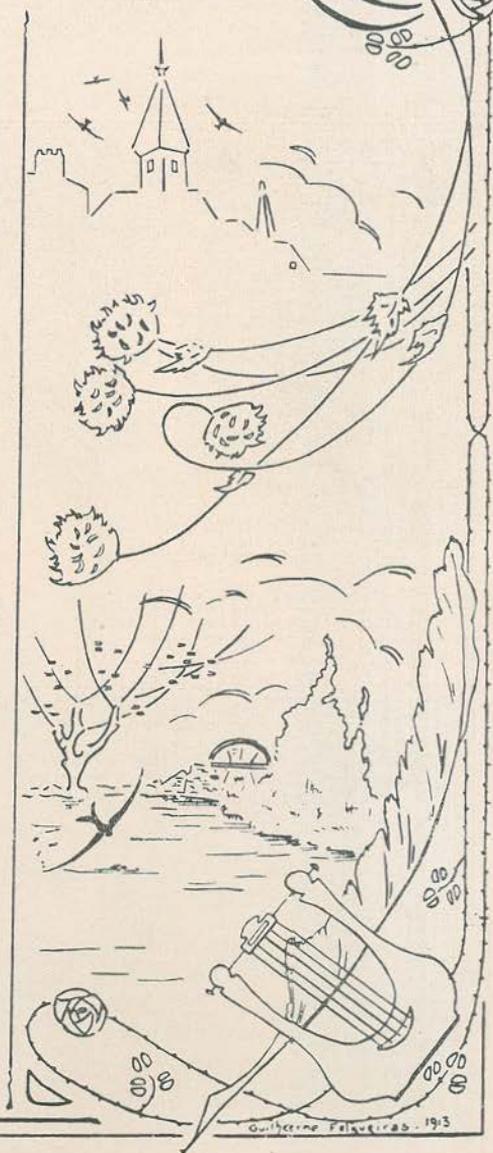
Pela esteira do azul, n'um descuidoso  
Curveteiar de brandas harmonias,  
—Tam leves como esperanças fugidias—  
Prendo-me a ve-las pelo vale umbroso.

¡Oh aves que trazeis a primavera  
A consolar de flôres o laranjal  
E a revestir as sebes do caminho!

Andorinhas ligeiras! Eu quizera  
ter comc vós á sombra d'um beiral  
O sagrado conforto do meu ninho.

Porto Franco, 1913.

*Gil Montenegro.*



# FIGURAS E FACTOS



1. O sr. Augusto Cesar le Cocq, abastado proprietario, falecido em Castelo de Vide.—2. Capitão de cavalaria sr. Carlos Eugenio Schiappa d'Azevedo, que foi morto pelo comboio na passagem do nivel em Caxias, em virtude do seu cavallo ter tomado o freio nos dentes e galgado as cancelas na occasião da passagem do rapido de Cascaes.—3. Sr. dr. Luiz Fischer Poças Falcho, presidente do Supremo Tribunal de Justiça, falecido em 16 de maio.—4. Sr. José Francisco d'Oliveira Lima, abastado proprietario e commerciante, recentemente falecido.—5. O sr. Manuel de Souza Dias, abastado proprietario e illustre democrata, falecido em Maga.



O novo ministro de Hespanha em Lisboa sr. marquez de Villasinda, depois da entrega das suas credenciaes a S. Ex.<sup>a</sup> o Presidente da Republica no palacio de Belem acompanhado pelos secretarios da Legação.—(Cliché de Benoliel)



O illustre diplomata sr. dr. Oscar de Teffé.

E' o novo ministro do Brazil em Portugal onde já occupou distintamente o cargo de 1.<sup>o</sup> secretario de legação tendo deixado numerosos amigos e bellissimas recordações.



A comissão do pessoal dos armazens do Chiado que ofereceu uma Taça de prata á firma proprietaria da casa felicitando-a pelos seus grandes melhoramentos.



O sr. ministro da justiça depois da visita ao Albergue das Creanças Abandonadas, acompanhado pela direção d'este estabelecimento.—(Clichés de Benoliel)

# CONCURSO HIPICO EM PALHAVÃ



O sr. D. João de Mello, que ficou classificado na prova d'alta escola.

O sr. D. José Manuel da Cunha Menezes, classificado na prova d'alta escola.

As tribunas do hipodromo de Palhavã teem reunido tudo quanto ha de mais distinto na nossa sociedade, os homens do «sport», e as mais formosas senhoras, todos os que se interessam pelo hipismo e os que convencionaram fazer d'aquelle logar um «rendez-vous» elegante. Desde o primeiro dia do concurso a frequencia não tem afrouxado. As mais belas equipagens e automoveis conduzem essa sociedade escolhida, que vae vêr os melhores cavaleiros nacionais disputando os premios oferecidos pela Sociedade Hipica e por outras coletividades.



As provas teem sido brilhantes, obtendo o 1.º premio na de discipulos o sr. Manuel Marques, na de sargentos o sr. Monteiro, na de ensaio o capitão sr. Silveira Ramos, na de varelhos o tenente sr. Jara de Carvalho.

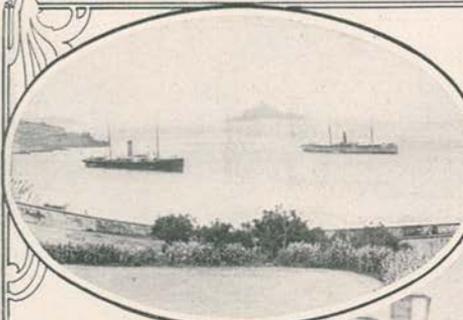
Nas provas de alta escola foram igualmente classificados os srs. D. João de Melo, D. José Manuel da Cunha Menezes e capitão sr. Caeiro.

A corrida «omnium» foi magnifica, sendo classificado em primeiro logar o tenente sr. Casal Ribeiro, tendo o capitão e francez mr. Du Costa, que veio tomar parte no concurso, feito dois percursos sem faltas.



3. O sr. Silveira Ramos, que aganhen o primeiro premio das provas d'ensaio—4. O capitão sr. Manuel Caeiro Vieira, classificado na prova d'alta escola—5. Os premiados na prova d'ensaio srs.: capitão Silveira Ramos, alferes João da Maia e Lucio Nunes, capitão Martins de Lima e alferes Benjamin Santos. (Clichés de Benoliel)

## Os presos pelos acontecimentos de 27 d'abril em Angra



Os vapores «Funchal» e «Cabo Verde» na baía d'Angra, tendo este ainda a bordo os presos políticos.



O automovel que conduziu os presos para a fortaleza de Angra na noite de 11 de maio de 1913.

Os officiaes presos em virtude dos ultimos acontecimentos politicos encontram-se nas casas do castello d'Angra do Heroismo, no mesmo lugar que serviu de prisão a D. Afonso VI, tendo os srs. capitão de mar e guerra Soares Andréa, tenente Pimentel e capitão Lima Dias occupado os quartos da frente do edificio e o sr. general Guedes aposentos para as trazeiras d'essas casas. As janelas, á excção das que deitam para o pa-



teo, foram gradeadas. O sr. dr. Lomelino de Freitas recolheu ao hospital, tendo-lhe os advogados d'Angra oferecido o seu auxilio material.

O «Cabo Verde» regressou a Lisboa em 18 de maio, tendo o seu comandante, capitão de fragata sr. Antonio José dos Reis, sido portador d'um manuscrito dirigido pelo sr. Soares Andréa ao chefe do Estado no qual protesta contra a sua prisão.



O coronel sr. Ribeiro da Fonseca, comandante militar d'Angra e o seu ajudante capitão sr. Jaime Vaz, falando com o capitão sr. Reis da administração militar, na praça da Restauração em Angra—A porta principal do castello de S. João Batista, na ilha Terceira, onde estão os presos do «complot» de 27 de abril. (Clichés do distinto fotografador sr. Antonio José Leite, que obsequiosamente os tirou para o «Seculo» e «Ilustração Portuguesa».)

# Aspetos da Vida Mundana de Roma

Os cafés concertos — Divas, estrelas, cançonetistas e bailarinas

Em Roma ha muitos cafés concertos. Os principaes são o

lia, onde até a unidade monetaria tem o nome d'um intrumen-

Salone Margherita e o Apollo; seguem-se depois a Sala Umberto e o Aquario, etc. São numerosissimos.

Um dos divertimentos do *viveur* romano é ir ao *café-concerto* ouvir á travessa Donnarumma ou ao mavioso Paschouriello as ultimas canções napolitanas, que o *Piedigrotta* premiou e o tradicional *erganetto*, vagueando de rua em rua, já principiou a popularisar.

A cançoneta napolitana composta de versos breves com um *refrain*, quasi sempre malicioso, é muito original, dando-lhe singular colorido e vivacidade o graciosissimo dialeto em que é escrita. Outras vezes é d'um sentimentalismo impressionante, que chega a comover até ás lagrimas.

O romano, como o napolitano, é um eterno trovador, não desmentindo assim a afirmativa, com fóros de axioma, de que a Ita-



Guia Frine, em «toilette» de passeio. Os admiradores d'esta «divette» quando a veem no palco não se esquecem de bradar «la vogliamo nuda»

to, é o paiz da musica. Referindo-se a Napolés escreveu, por exemplo, Alfredo De Musset:

Oreiller des lazzaroni  
Où sont nés le macaroni  
Et la musique.

Para o bom italiano cantar uma das suas canções prediletas—a *Santa Luccia*, o *Sole Mio*, o *Marechiaro*, etc., etc., causa-lhe um grande prazer e faz-lhe esquecer as agruras d'um penoso dia de trabalho. De facto... *quem canta seus males espanta*—diz a nossa balada; e a nossa balada é de applicação universal.

A cançoneta napolitana, em geral, ou é inspirada n'uma historietta galante ou n'um intenso drama d'amor, que novos compassos de deliciosa musica, espontanea e suggestiva, criticam e sublinham admiravelmente.

O Salão Margarida é o melhor *café-concerto* de Roma, dedicando-lhe especiaes



Uma das numerosas bailarinas, cuja «toilette» se limita a uma gaze... quasi convencional.

atencões o sr. cav. Marino — o grande empresário dos cafés-concertos das principaes cidades da Italia.

Situado no coração da cidade, proximo da Praça de Hespanha, o Salão Margarida é muito elegante e confortavel; e é como que o rendez-vous obrigatorio dos amadores dos chamados — *espectaculos de variedades*.

Quando o forasteiro, que apenas viaja para se divertir, deseja passar umas horas da noite alegremente, como em Roma não tem relações que lhe permitam frequentar os esplendidos salões da nobreza ou das embaixadas, é no *Margherita* que o encontraremos. O *Margherita* tem ainda o aperitivo de proporcionar a esse forasteiro, quasi perdido entre as riquezas archeologicas de Roma, ottima occasião de *ver mulheres*. . . e tambem de fazer agradav eis conhecimentos. No vasto *promenoir*, que circunda a plateia e os camarotes, adejam sempre muitas e graciosas *borboletas internacionais* ansiosas de se queimarem na luz de qualquer soberbo *solitario*. . . o qual estabelece a forte presunção de que o seu possuidor é rico e, por consequencia, capaz de empreender uma aventura generosamente recompensada. . .

Os espetaculos do Salão *Margherita* quasi não variam. E para quê? Eles reduzem-se, afinal, a uma interessante exposição de plastica feminina. . .

No programa figuram sempre diversas cançonetistas, classificadas, segundo o seu merito ou o sympathia do empresario, em—*cançonetista, diveta, diva, diva internacional stella e cantante italiana*. Ordinariamente—circumstancia curiosa!—apezar da Italia ser o classico paiz da musica, só esta ultima, a *cantante italiana* sabe solfejar! Mas continuando. . . As *divetas* dividem-se em *genericas e excentricas*, consoante o trabalho que executam.

No programa do *Margherita* succedem se sempre, annunciadas em grosso normando e com nomes bombasticos e *recherchés*, as *étoiles françaises ou diseuses à voix*, que já enfadavam os frequentadores de

Montmartre com os seus gritinhos esturdios e a sua gesticulação pornografica. De quando em quando, quaes aves de arribação, veem para a Italia em busca de melhor fortuna. . . pintando-se mais e aumentando ainda, (se tal é já possivel) o seu decote impudico.

Os espetaculos do *Margherita* não dispensam um bom pathaço a dar cabriolas ou a fazer *jongleries* e uma das chamadas *baillarinas de pés descalços*, a qual, com as suas poses de uma liberdade que orça pelo abuso, é destinada, na autorizada opinião do sr. cav. Marino, a eletrizar o publico *blasé* e o mulherio dodivanas do *promenoir*.

A fechar ha o infalivel animatografo! Oh! em Roma, o animatografo é um verdadeiro *accidente* em todos os espetaculos de variedades. Mas no *Margherita* tem um significado especial: é o sinal de que o espetaculo terminou.



Donnarumma, se n contestação, é a melhor interprete da cançoneta napolitana. O publico de todas as grandes cidades d'Italia não se cança de a ouvir e applaudir.

—*Ombriaco—Fra Brasciola—Il balbuziente—O presidente—Don Saverio*, etc.

Petrolini, cognominado «o imperador da gargalhada» é considerado hoje o melhor *macchietista*. Paschoariello, por seu lado, é o principe dos cançonetistas napolitanos. Em Londres, Paschoariello caeson ha anos enorme successo cantando *Marciaro, Capafemena* e outras cançonetas consagradas do seu vastissimo repertorio.

A *Capafemena* é uma das mais celebres canções na-



1. Petrolini o imperador da gargalhada. É atualmente o «machietista» mais original de Italia. A nossa fotografia apresenta-o na cançoneta «I Salami». — 2. O cavalheiro Marino, o grande empresario dos cafés cantantes da Italia.

politanas. O sucesso que a acolheu em toda a Italia creou inimigos terribes ao seu festejado autor. Inventaram eles — esta não lembraria ao proprio Satanaz! — que a *Capafemena* era a Madona (!) e que, portanto, cantal-a, era uma ofensa a Nosso Senhor Jesus Cristo! E assim, durante bastantes anos, não houve cançonetista que se aventurasse a incluir no seu repertorio... a *Capafemena!*

Mas tornando á descrição da *Margherita*...

Aos lados da plateia, junto da boca da cena, existem duas frizas: são o logar fixo e já tradicional dos *leões*, ou antes dos admiradores encartados das mais lindas e requestadas cançonetistas, que não cessam de lhes sorrir, dedicando-lhes alguns dos seus endiabrados pulinhos ou requebros... mais sensuaes do que artisticos. Lá diz a canção, que elas tanto repletam:

La vita senza amor non vale nulla...  
Non vale nulla!...

A esta *chamada* respondem os *leões* bebendo champagne e largando piadas ás *sciantosas* que se succedem no palco, umas após outras, rivalisando na empolgante frescura das suas *toilettes d'nier style*.

É de taes frizas que sae o grito subversivo dos bons costumes, agora muito em voga nos cafés-concertos da Italia e que tão apaixonadas criticas de imprensa tem já provocado: *La vogliamo nuda!*

Mas é este grito subversivo? A enebriante frescura que se evola das rendas e *chiffons* da cançonetista não será simples *fac-simile* artistico d'aquela outra frescura com que Eva se mostrou a Adão, quando, a sós e guiados pela mão de Deus, se encontraram no Paraizo?...

Ha dias, Gina Frine, *diveta* de irreprezível plastica,

ao ouvir o tal — *La vogliamo nuda* — abeirou-se da cena e declarou aos espectadores com a mais santa ingenuidade, que não correspondia aos legitimos (sic) desejos do publico... porque não possuia costume apropriado! No dia seguinte, porém, mais condescendente, Gina Frine surgiu na ribalta coberta com uma gase equivalente a uma raquitica folha de parra, amabilidade que os *snoobs* do *Margherita* agradeceram ovacionando-a estrepitosamente. Um delirio!

Um funcionario encanecido ao serviço da moralidade burocratica ainda se agitou na sua poltrona, mas não interveio, porque a Italia é um paiz eminentemente liberal. Coisas da... moral burocratica...

A nossa bem conhecida Gaby Deslys, depois de confessar nas suas *memorias* insertas na *English Review*, que foi sempre uma mulher modesta como a violeta silvestre (sic), não se esquece de declarar que fazia *sobresaltar* o publico quando se mostrava... em calças de homem! E explica o caso assim: «É que eu sou como que uma luz intensa e brilhante que atrae os insetos e os animaes de qualquer raça ou especie...»

De resto, para que occultar o corpo — exclamam os partidarios do *La vogliamo nuda!* — dentro de veludos, rendas e *chiffons*? A Moda precisa inspirar-se, como os grandes estatuarios da antiguidade, nas obras da beleza natural. Para que negar, pois, a liberdade de se mostrar no palco, em toda a sua plenitude, a maravilhosa obra de beleza natural que é o corpo



A «diva» Lina Déa mostrando a sua irreprezível plastica na cançoneta napolitana «Falta má»



Rita Sacchiato, a grande dançarina cheia d'originalidade e intelligencia.

de uma linda mulher de plastica irreprensivel? N'este ponto tem razão os futuristas.

Rita Sacchiato, a suggestiva dansarina de linhas classicas e de intelligencia invulgar, propondo-se, com uma mimica ritmica e guiada por um ideal superior, a comentar algumas das mais celebres composições musicaes, reconstituindo ao mesmo tempo, em pequeninos quadros psicologicos e esteticos, um conjunto harmoniosissimo de contornos e de côres, como que uma visão poetico-dramatica, — é uma das prestigiosas filhas de Terpsycore que energicamente se revoltam contra o preconceito que ainda



Tipos da cançoneta  
1. Sfiaticato.—2. O professor de musica.

3. O seminarista.  
4. Membro del comitato.—5. Sang Ominno.—6. Il balbustante

fôrma bisarra, contra similhante convencionalismo inventado a bem da moral burocratica...

O que fica escrito é o bastante para os leitores da *Ilustração Portuguesa* fazerem uma idéa do *Salone Margherita* e apreciarem as gravuras d'este artigo.

Quem visitou a Cidade Eterna recordará por certo, com saudade, as noites do *Margherita*; e se depois ainda penetrou no *Bal Tabarin do Apolo*, então, posso garantir, que as saudades aumentarão. E é por assim o julgar que o simpatico sr. cav. Marino, o grande emprezario dos *cafés-chantants* de Italia, nunca se esquece de incluir no programa do *Marghe-*



7. Yvonne de Fleuriel, é talvez a mais maliciosa das cançonetistas napolitanas. Causou grande furor na Argentina e no Brazil onde realisou ultimamente uma longa «tournée» que lhe rendeu muitas flôres e bastantes contos de réis.  
8. A «estrela» Maria Campi n'uma das suas mais aplaudidas cançonetas.

oprime a sua arte. *La vogliamo nuda* para Rita Sacchiato não passa d'um protesto, sob uma rita o convite para o *Bal Tabarin do Apolo*. E. G.

# UM THEATRO NOVO EM PARIS

Paris tem um novo teatro ou mesmo, melhor dizendo, dois novos teatros, porque no mesmo edificio ha uma grande

ção têm dois braços, são separados inteiramente uns dos outros e deixando de fila a fila o espaço suficiente para que



Theatro dos Campos Eliseos: a fachada.

sala para musica sinfonica e opera lirica e outra de mais reduzidas proporções para comedia e conferencias. A primeira tem a dirijil-a mr. Gabriel Astruc, o antigo e audaz empresario das grandes «saisons de Paris»: é o teatro des Champs-Élysées, um dos mais vastos e, sem duvida alguma, o mais confortavel dos teatros parisienses. Está situado n'uma das avenidas que cruzam os Campos Eliseos e «a união do gosto francez ao conforto e á tecnica anglo-saxonia» foi a formula que guiou o seu fundador e diretor e que serviu de plano essencial aos seus colaboradores. Deve dizer-se que esse plano obteve uma perfeita realização.

A sala é ampla e disposta de maneira a permitir que de todos os logares se veja o espectáculo. Todos os «fauteuils», mesmo os das ultimas filas da galeria são estofados de veludo; os da plateia e do bal-

entre elas se possa passar sem incomodar ninguém. O aquecimento e a ventilação da sala são obtidos por processos novos e perfeitos; os corredores são largos, os «foyers» excelentes; ha um «bar» um bufete e um salão «boudoir» para as senhoras; varios ascensores dispensam o publico dos logares altos da fadiga de subir escadas; o serviço de incendios é, ao que se diz, o mais perfeito de todos os teatros do mundo. Não se vê em todo o teatro uma unica lampada; a luz da sala vem, por reflexão, d'um disco luminoso que forma o centro da cupula; nos corredores adota-se um identico sistema.

A decoração do teatro é sobria, mas cuidada com especial esmero. Na fachada ha baixos relevos de mr. Bourdelle que fez tambem obra de pintor nos frescos do grande «foyer» e do corredor dos camarotes. Mr. Maurice Denis compoz



Teto da sala do novo teatro por Maurice Denis: A sinfonia Pancaux da direita; cortejo de Bacchus.



A sinfonia romantica do teto do novo teatro, por Maurice Denis.

os «panneaux» que ornarn a cupula e são a glorificação simbólica da musica em todas as suas fórmns. A cena é enquadrada pelos tubos do órgão ligados eletricamente com o teclado que está na orquestra.

Mr. Astruc interessou no seu empreendimento personalidades mundanas, financeiras e artisticas de todos os paizes. O «comité» portuguez de patronato é composto dos srs. conde de Castro Guimarães, O'Neill de Tyrone, Bartolomeu Perestrelo de Vasconcelos e marquez de Val Flôr.

O teatro dos Campos-Eliseos funcionará todo o ano. Durante os mezes de verão dará operetas e bailados; durante os outros, concertos e operas líricas. A inauguração efetuou-se ha menos de um mez e, n'esse breve espaço de tempo, já ao publico do novo teatro foi dado applaudir duas operas quasi esquecidas, o «Freischutz», de Weber, e «Benvenuto Cellini», de Berlioz, e concertos com M.<sup>me</sup> Lili Lehmann e Melba e mr. Jan Kubelik nos solos e Weingartner, Saint-Saens, Vincent d'Indy, Claude Debussy e Paul Dukas na direção da orquestra, e espetaculos de dança por Anna Pavlova e Natalia Trouhanowa, e finalmente as recitas italianas da «Lucia» e do «Barbeiro», com a Barrientos e Sammarco, Marcoux, Malatesta, Carpi e Ciccolini. A interpretação d'essas obras de caracter e meritos variados tem sido, em regra, excelente e a «mise en-scène» sempre original, faustosa, irreprezível.

N'esta epoca ainda, mr. Astruc promete ao publico do seu teatro entre outros espetaculos, as operas novas de Strauss e de Fauré, operas e bailados russos e, lá para março, finalmente «Parsifal».

A alguem ouvi eu já dizer que este teatro é bem o templo magnifico da religião do «Snobismo» para o sumo-sacer-

docio da qual ninguem mais qualificado que mr. Gabriel Astruc, o obreiro das cosmopolitas exhibções do Chatelet. Evidentemente o snobismo concorrerá poderosamente para o exito, desde já garantido, da nova casa de espetaculos. Mas permitindo-nos, entre algumas noites de «divas» gorgeantes, «Lucias» anacronicas e «cubismos» snograficos e musicas, admirar, como até hoje já tem feito, obras do merito do «Freischutz» e da «Peri» de Paul Dukas (o primeiro dos compositores francezes de hoje) e artistas da categoria de Weingartner,



A opera heroica do seculo XVII e XVIII por Maurice Denis no teto do novo teatro.



Mr. Gabriel Astruc, fundador e diretor geral do novo teatro dos Campos Eliseos. (Cliché Gerschel)

Lili Lehmann e Pavlova, mr. Astruc mostra um sincero desejo de servir a boa arte e merece o aplauso e a gratidão de todos nós.

É uma coisa ha n'esse empreendimento de mr. Astruc que merece citar-se com louvor. Fazendo um teatro rico, ele teve o

cuidado de não fazer um teatro exclusivamente para ricos. No Theatre des Champs-Elysées ha «fauteuils» do melhor conforto que custam dois francos e d'onde a cena se vê tão perfeitamente como d'aqueles que custam vinte. O novo diretor não esqueceu esse publico numeroso e em geral mais inteligente que o outro, que não veste casaca nem exhib decotes mas que professa pelas coisas d'arte um culto e as sabe avaliar com um criterio que nem sempre será facil encontrar pelas alturas da orquestra e do balcão.

Paris, maio.

P. O.

# A romaria de Matosinhos



Depois da merenda

Todos os anos, para o esplendido local onde assenta a igreja do Bom Jesus de Matosinhos, o Porto, Gaia, Leça, todas as povoações limitrofes, despejam milhares e milhares de pessoas que ali vão, umas em peregrinação devota, o maior numero por simples desejo de distração, e quasi todos, afinal,

para saborearem, á sombra mansa de arvores amigas, em frente do vasto mar, e sob a caricia suave d'esse alegre sol com que o ceu, casualmente, nos brinda de quando em quando, as abundantes e excelentes merendeiras, que são ainda um dos mais agradaveis prazeres que se podem proporcionar a todo o



A feira da louça

portuense que preze os seus brios de bom tripeiro.

Este ano, a concorrência em nada foi inferior á dos passados, não havendo meios de transporte que a pudessem convenientemente acomodar e não sendo raros os conflitos que o caso motivou. Verdade seja que a Companhia Carris não dispõe de material suficiente, e algum é já muito antigo, estando longe de satisfazer as condições de comodidade e conforto que se exigem da viação moderna. No entanto, apesar da companhia do caminho de ferro do Porto á Povoá ter organizado um magnifico horario de comboios e se utilizarem muitos automoveis, carruagens, todas as carripas e pilecas, o publico affluí em tão compacta massa que não houve fórma de satisfazer-o, de lhe tornar facile agradável a penosa viagem.

É que a romaria do Senhor de Matosinhos é a mais concorrida, a mais movimentada, talvez a mais ruidosa do norte do paiz. Não são, contudo, muitos os divertimentos que proporciona, á parte um vistoso arraial, a classica feira da loiça, uma festa na igreja bem simples, alegrando os ares uma charanga com peças varias. Sem duvida á falta de iniciativa, esta romaria não dá margem a que os forasteiros gosem as espectaculosas diversões a que n'outras terras se recorre, e que dão azo a que muitas vezes se exibam os progressos da industria e da agricultura regionaes. No entanto, os habitantes de Matosinhos vivem presos aos velhos moldes, ás sabidas pra-

xes, porque o povo d'outro chamariz e d'outras atrações não precisa que não seja o local magnificante, d'um pitoresco admiravel, onde se admira uma paisagem variadissima, opulenta de côr, e se respiram ares puros, recomfortantes, saudáveis.

Bom povo o nosso! Ao vê-lo assim folgar, cantar, dançar e rir, n'uma despreocupação feliz, alheio aos contratempos da vida, vão lá dizer-lhe que estamos em tempo de maguas, que a patria atravessa uma grande crise financeira e economica, que a nação pede sacrificios e lagrimas, que o sr. Ferreira do Amaral pretende organizar a defesa nacional, e que o Adamastor encloughou n'uma ilha longinqua da India!

Coisas da politica! diria ele, enojado. E não atirava com certeza o merendeiro fóra, antes, se o vento lhe não corresse á feição, era capaz de comel-o mesmo dentro d'um electrico, como aconteceu ali para os lados da Boavista, quando lhe vieram dizer que estava completa a lotação e que não se podia assim fazer viagem.

Já lá dizia o poeta: «Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos». Não vae em latim para não perturbar a digestão dos meus amigos tripeiros, que ainda agora recordam, com delicia, aquela bela merenda, saboreada á sombra amiga das arvores,

em frente do mar buliçoso e cantante, sob a proteção carinhosa do Senhor de Matosinhos, que o pobre Nicodemus, segundo reza a lenda, se deu á suave tarefa de esculpir, n'um bento madeiro da Judeia.

Porto, 12-V-913,

S. M.



1. Compra de loaça—2. Um trecho do parque  
3. Uma familia merendando.

# Figuras e Factos



O novo ministro da Italia em Portugal é um devotado amigo da nossa patria e muito tem contribuido com os seus esforços para o estabelecimento d'uma carreira de navegação para o nosso porto, um dos mais fervorosos trabalhos do sr. Eusebio Leão, ministro portuguez junto ao Quirinal e que está em via de realisação.

O sr. Salvator Cantarini era sub-secretario nos negocios estrangeiros onde prestou muitos valiosos serviços.

O sr. comendador Salvator Cantarini, novo ministro da Italia em Lisboa.

sem diploma ali difunde a instrução pela modica quantia de 1\$300 réis mensaes, que recebe dos paes dos seus cincoenta alunos.

O secretario do chefe do Estado prometeu interceder para melhoria da situação do desditoso e prestante mestre de escola.



O sr. Batalha de Freitas, ministro de Portugal no Japão, ao chegar com sua esposa a Shangae foi alvo d'uma carinhosa manifiestação da parte da nossa colonia que lhe ofereceu uma linda festa no Club União, séde do batalhão voluntario portuguez cujos serviços tem sido muito encarecidos n'aquella cidade.

Ha dias o sr. Roque Arriaga, filho do sr. presidente da Republica visitou Alforzemel (Almoster), onde visitou o seu cunhado sr. Henrique de Vasconcelos Coutinho, e desejando ver a escola da terra ficou muito admirado d'encontrar um pobre professor que embora



O professor sr. Augusto Silva da escola de Alforzemel (Almoster) que com o reduzido ganho de 1\$300 réis mensaes mantém uma escola com cincoenta alunos. Os alunos, o professor, alguns individuos da terra e o filho do chefe do estado



O ministro de Portugal no Japão sr. Batalha de Freitas com sua esposa no salão do Club União Portuguez em Shangae na festa que foi dada em sua honra e á qual assistiram muitas senhoras da nossa colonia, comandante e officialidade do Almastor além de voluntarios da companhia portugueza, cuja organização a «Ilustração» ha posuico publico. (Cliché do distinto fotografo amador e oficial da armada sr. Adriano da Silva Fernandes)

# SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

10.<sup>a</sup> exposição

## Inauguração do palacio de exposições

Lisboa tem, emfim, o seu palacio de Belas Artes. Dos escuros casarões do velho convento de S. Francisco, passaram os artistas para a clara e ampla sala da rua Alexandre Herculano, no edificio que o arquiteto Alvaro Machado construiu e que um nucleo d'artistas, fortemente organizado na Sociedade Nacional de Belas Artes, levou a efeito com tenacidade e amor, já conseguindo as verbas necessarias, já unindo vontades dispersas. N'estes meados de maio, quando as primeiras rosas florescem, houve tambem como um renouamento na arte.



Viu-se afluír aquella exposiçáo centenas de quadros de artistas novos e obras de mestres, influidos uns, seguros outros, esperançados todos n'essa obra que junta os artistas e faz bem á arte.

N'uma terra como Portugal, onde o incentivo é pouco mas onde ha devotos trabalhadores dando á tela e ao marmore o melhor da sua existencia, é para sentir, em todo o esforço que ela representa, essa obra, na qual todos eles se ligaram e colaboraram ao fundarem definitivamente a Casa dos Artistas.

Não foram só os pintores de

A direção da Sociedade Nacional de Belas Artes: 1. O engenheiro sr. Arnaldo Resano Garcia—2. O arquiteto sr. Rosendo Carvalheira—3. O pintor sr. Alves Cardoso—4. O pintor sr. Veloso Salgado—5. O escultor sr. Costa Mota—6. O arquiteto sr. Alvaro Machado—7. O pintor sr. Bemvindo Ceia.



A entrada do Palácio de Belas Artes, na rua Alexandre Herculano.

todos os generos que ali expuzeram as suas obras, enchendo aquellas paredes, foram tambem arquitetos com as suas plantas, esculptores com os seus gessos, desenhistas com os seus carvões, caricaturistas desde o bizarro ao sobrio que, com o maior interesse, ali concorreram.

Uma secção d'arte aplicada é como um mimo n'aquella edificação onde os artistas portuguezes de todos os generos expuzeram, diante d'um publico surpreendido, os seus trabalhos, que des-



O naufrago: (gesso), escultura de Simões d'Almeida, sobrinho, discípulo de Simões d'Almeida.

pertaram o mais justificado interesse.

Tambem todas as boas vontades e todas as sympathias concorreram para dar um grande brilho á inauguração d'esse palacio de exposições onde os artistas nacionaes fazem a sua casa de reunião, a séde da sua associação, onde se vão debater interesses mutuos n'um rejuvenescer e n'uma união que encanta e consola.

No amplo vestibulo onde as esculturas mostram as suas fórmulas, os artistas aguardaram o chefe



'Raio de sol ardente', quadro o oleo de Carlos Reis



1. «Fumadora d'opio», quadro a óleo da sr.<sup>a</sup> D. Emilia Santos Braga—2. «Pesca do sargaço», quadro a óleo de Veloso Salgado  
3. «Saúde», escultura de Moreira Rato.

do Estado convidado para inaugurar a sua casa em 15 de maio.

Foi gentil a recepção ao venerando presidente. Senhoras com as suas «toilettes» d'este começo de verão, frescas, vistosas, a orquestra atirando as notas do hino Nacional, aplausos, vivas, uma grande e contagiosa explosão



«Tarde de inverno», quadro a óleo de João Reis, filho e discípulo de Carlos Reis.

trando como o Estado deve proteger e guiar os que cultivam a arte. Depois da evocação de tudo quanto a Republica fez já pelo desenvolvimento do espirito artistico, desde o desdobramento dos seus museus á criação do Instituto Portuguez em Roma, desde a



«Ao Leme», escultura de Francisco Santos, discípulo de Simões d'Almeida e de Verlet, adquirido pelo Museu Nacional de Belas Artes.



«Primeiros cuidados», quadro a óleo de D. Adelaide Lima Cruz, discípula de Carlos Reis.

de aplauso foi a maneira como se recebeu o sr. dr. Manuel d'Arriaga que no «grand hall» do edificio ouviu o architecto sr. Rozeno Carvalheira lêr o discurso onde definia as aspirações dos artistas portuguezes, mos-



«Manhã de inverno», quadro a óleo de Dordio Gomes, discípulo de Salgado e Laurens.

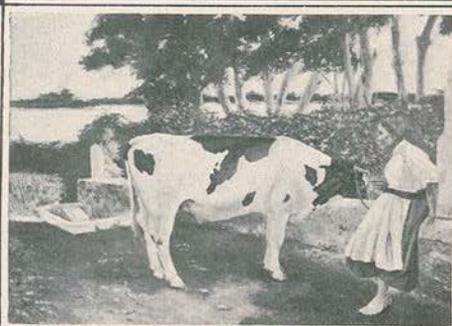
idéa do futuro ministerio de Belas Artes ao positivo auxilio dado pelo primeiro municipio do novo regimen aos artistas adquirindo estatuas para os jardins e praças da capital, o sr. Rozeno Car-



«Perdida», quadro a óleo de Simão Luiz Veiga.



«O homem do leme», quadro a óleo de João Vaz.



«Ao cair da tarde», quadro a óleo de Abel Santos,  
discipulo de Carlos Reis.



«Edade d'ouro», quadro a óleo de Bonvalot, discipulo  
de Salgado.



«Historiador», quadro a óleo de Almeida e Silva.



«Chafariz de Linda-a-Velha», aguarela de João Marques  
discipulo de Batistini.



«Triptico», «Marinheiro», quadro a óleo de Constantino Fernandes adquirido pelo Museu Nacional de Belas Artes.

valheira solici-  
tou do chefe do  
Estado que de-  
clarasse inau-  
gurada a expo-  
sição.

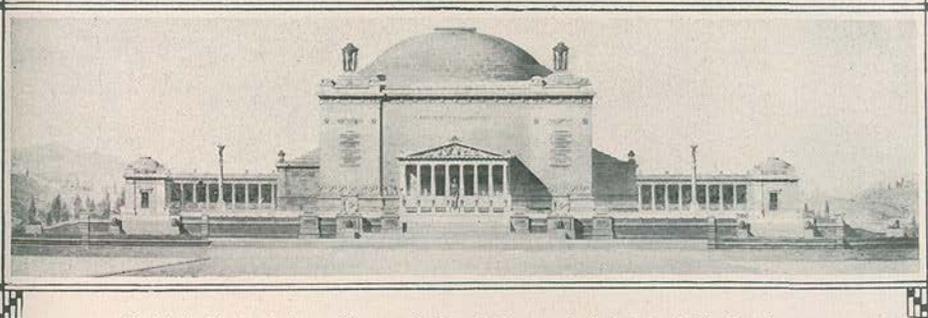
O sr. dr. Ma-  
nuel de Arria-  
ga, que é tam-  
bem um apaix-  
onado da arte,  
falou enterneci-  
damente das  
obras da bele-  
za, das nossas  
paizagens, do  
que é necessa-  
ria fazer para  
que a arte se  
ligue á apoteo-  
se dos grandes  
vultos da Histo-  
ria. E foi a idéa  
de engalanar a  
avenida da In-  
dia com as es-  
tatuas dos ho-



«Dois amigos», quadro a pastel de José Malhóa representando o distinto escritor sr. Cruz Magalhães com o seu belo cão «Herminio» que morreu criminosamente envenenado poucos dias depois de concluído o quadro.

mens da epo-  
péa, de adon-  
nar a avenida  
da Liberdade  
com as dos he-  
roes da revolu-  
ção que expôz  
no edificio que  
acabava de  
inaugurar.

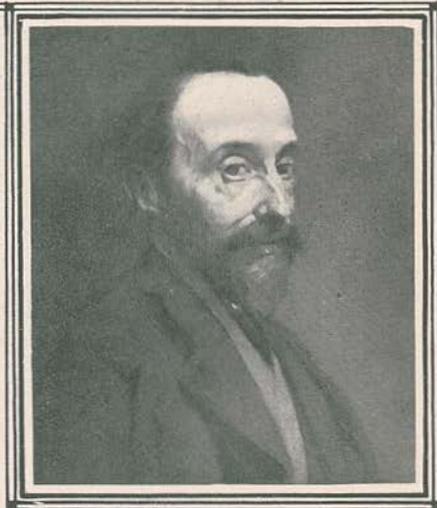
Quando os ul-  
timos aplausos  
ao seu discurso  
se ouviram ini-  
ciou-se o con-  
certo em honra  
dos expositores  
dado por alguns  
alunos do maes-  
tro Sarti, uma  
gentileza e ma-  
s uma aliança da  
arte n'aquela  
Casa dos Artis-  
tas tão auspici-  
osamente fun-  
dada.



«Projeto de Panteon de homens ilustres», de Edmundo Tavares, discipulo de José Lu'z Monteiro.

Como n'uma comprovação do auxílio do Estado ás iniciativas artisticas, o Museu Nacional de Belas Artes adquiriu na secção de pintura a oleo o quadro «Marinheiro», de Constantino Fernandes, marcado no catalogo por dois contos e cem mil réis e na de escultura a estatua de Francisco Santos intitulada «Ao Leme», cujo preço indicado era de um conto e quinhentos mil réis.

D'este modo se correspondeu á união dos artistas



«O maestro Augusto Machado», quadro a oleo por Columbano.

nacionais, á fundação da sua casa, á festa que foi a sua exposição, a decima da Sociedade Nacional de Belas Artes, que fica inolvidavel.

No dia seguinte ao da inauguração os artistas reuniram-se n'um banquete realizado no salão da biblioteca do edificio e que foi a verdadeira nota da sua confraternisação, digna de aplauso, da sua solidariedade da qual virão muitos beneficios para o futuro da arte nacional.



«Logar da Pedra Ameassada», agaairela de Alves de Sá.



«Retrato do pintor Adriano Costa» quadro a oleo de Alves Cardozo



«Venus Anadiomene», (marmore de Carrara) escultura de Tomaz Costa.

O publico respondeu tambem d'uma maneira apreciavel a esse certamen d'arte, mostrando bem como se interessa por essas coisas e dando a entender que, dentro em pouco, os artistas pintores e escultores já desafogadamente poderão viver do seu trabalho, sem o ar-



que anuncia uma rendosa estação, na qual poucas telas ficarão sem comprador, apesar do grande numero existente nas salas da Casa dos Artistas. Ultimamente o quadro de Carlos Reis, «Raios de sol ardente», foi adquirido pelo sr. marquez de Faial por um preço que cau-

«Crisantemos», quadro a oleo de Eduardo Gil Romero, discipulo de Columbano.

duo e fatigante mister das lições, que fazem perder tempo e, por vezes, inutilizam. O chefe do Estado deu o exemplo comprando a tela de Girão, «Corridos».

Logo no dia da abertura da exposição foram adquiridos, entre outros, o quadro de Malhõa, as «Cebo-las», e aguarelas de Gameiro e Alves de Sá e d'aí por diante as vendas continuaram do mesmo modo, preferindo-se os melhores trechos d'arte dos novos, o



«Mocidade», escultura de Maximiliano Alves.



«O nascente no Rio», quadro a oleo de Higinio Mendonça.



«Mendiga», quadro a oleo de Martinho Gomes Fonseca, discipulo de Columbano.



Retrato, quadro a oleo de Francisco Romão Esteves, discipulo de Columbano.



1. «A tona de água», quadro a óleo de David Melo.

2. «Regresso», quadro de Gilrão.

3. «Madrugada forçada», quadro a óleo por José de Brito.

4. «Dia Triste», quadro a óleo de Francisco Aires, discípulo de Carlos Reis.

sou sensação, assim como muitos outros e entre eles o «Homem do Leme», de

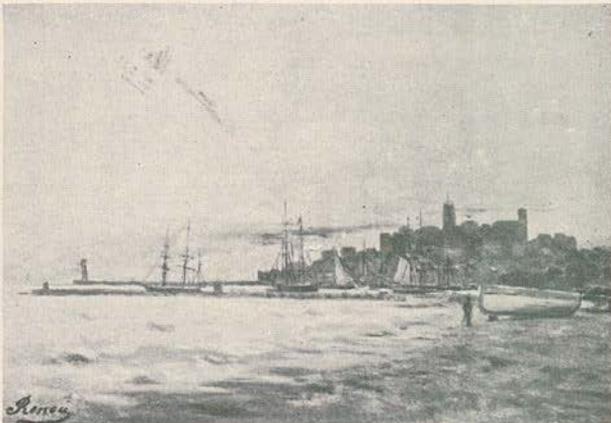


5. «Leça», quadro a óleo de Augusto Ribeiro.

6. Projeto da reconstrução do Banco de Portugal do arquiteto Adães Bermudes. A fachada do edifício.

(Clichés de Benoiel)

João Vaz, corroborando positivamente que o público se interessou por essa sensação



«Estudo», quadro a óleo de D. Adelaide Joice, discipula de D. Adelaide Lima Cruz.

nal exposição que vae ficar memoravel.

O sr. Anselmo Braamcamp Freire tambem comprou a escultura «Mocidade» de Maximiano Alves.

De dia

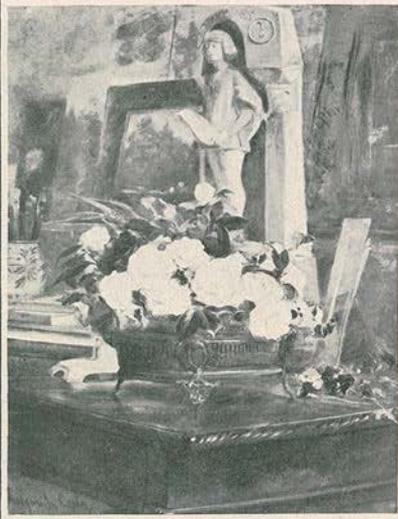


«Pôr do sol em Cannes», quadro a óleo de Renon. (Clichés de Benoitel).

para dia aumenta a concorrência ao edificio da Sociedade Nacional de Belas Artes que será visitado pelos alunos de varias escolas e academias do paiz.



O chefe do Estado na exposição de Belas Artes. A direção recebendo o presidente da Republica, que foi saudado pelo sr. Rosendo Carvalheira—Fachada do palacio das exposições.

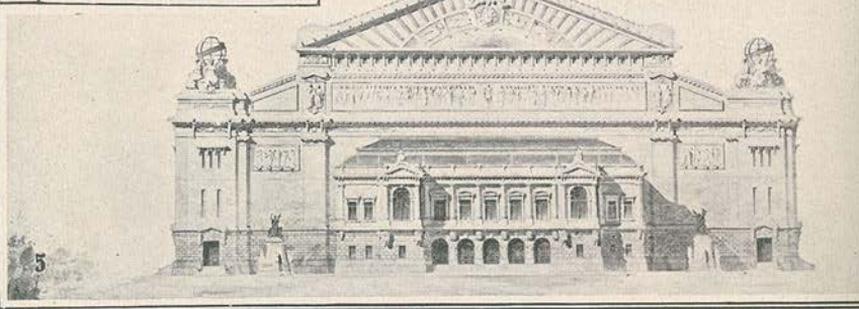


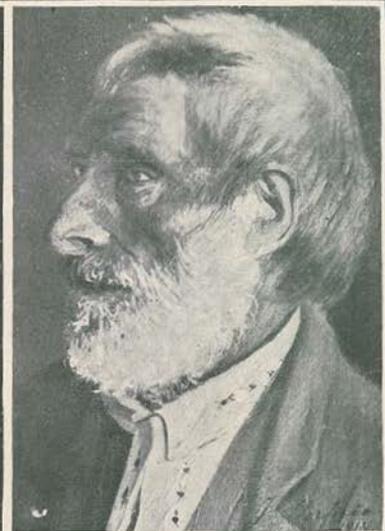
1. «Meza de atelier», quadro a óleo de D. Margarida Costa

2. «Cigana», quadro a óleo de D. Filomena Freitas

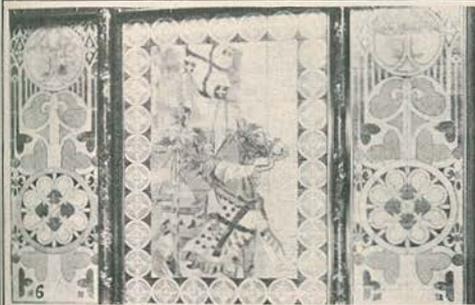


3. Retrato de «Duas amigas», quadro a óleo de Mademoiselle Possoz, discipula de Lucien Simas e de René Menard.  
 4. «Cozinha aldeã», quadro a óleo de Calderon, discipulo de Carlos Reis.—5. Projeto de edificio de comicios publicos de Frederico de Carvalho, discipulo de José Luiz Monteiro.





1. «Esperando», quadro a óleo de Afonso Viana, discípulo de Veloso Salgado e J. P. Laurens—2. Pena de ouro e marfim, trabalho de João Silva—3. «Cabeça de Velho», quadro a óleo de Porfírio, discípulo de Carlos Reis—4. «Tia Inácia», escultura de D. Celeste Melo Mendes, discípula de Simões d'Almeida, sobrinho.



5. «Uma pitada», quadro a óleo de José Pedro Cruz, discípulo de Conceição Silva e J. P. Laurens—6. «Portico manuelino de Meda», azulejos de Jorge Colaço—7. «Costumes alentejanos», aguarelas de Alberto de Sousa.



1. «Rodrigo Costa», escultura de Fernando Costa—2. «Velha», escultura de Costa Mota—3. «Minha mãe», escultura de Julio Vaz Junior—4. «Costa d'Ouro», quadro a óleo de Falcão Trigos—5. «Retrato da sr.ª D. A. S.», quadro a óleo de Alberto Lacerda, discípulo de Carlos Reis—6. Esboço de pintura em azulejo para a igreja matriz de Vila Franca do Campo (S. Miguel), de Bemvindo Ceia.



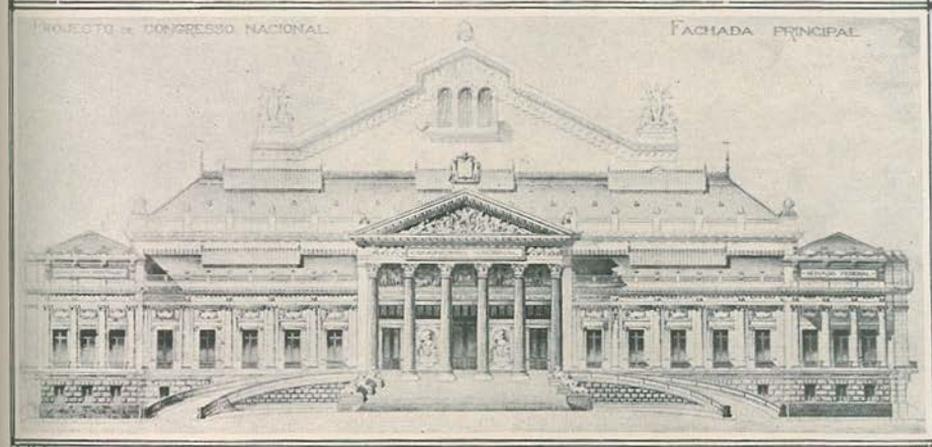
«Rua do Arco do Marquez d'Alegrete»,  
aguarela de Roque Gameiro.



«A' porta da taberna, quadro a óleo de Manuel Henrique  
Pinto, discípulo de Anunciação.



«Volta da Feira» quadro a óleo de Ri-  
beiro Junior.



Ventura Terra—«Projeto do Congresso Nacional do Brasil» para o Rio de Janeiro. Fachada principal  
pertencente ao governo brasileiro e premiada pelo mesmo governo no concurso internacional.



1. «Cow-boys», quadro a óleo de José Leite, discípulo de Carlos Reis—2. «Marinha» (Ancora), quadro a óleo de Julio Piná.  
3. «Serranias do Douro», quadro a óleo de Cristino da Silva—4. «Cariatide», escultura de José Rato, discípulo de Si-  
mões d'Almeida Junior—5. «Retrato da sr.ª D. Maria Izabel Bramao», quadro a óleo da sr.ª D. Sara Bramao, discipula  
da sr.ª D. Emilia Santos Braga. (Clichés de Coutinho e Benoliel)